

A verdade inconveniente de Étienne de La Boétie e a formação da realidade política brasileira

Marcos Robério Santo Sousa
Universidade Federal do Ceará
marcosroberio88@gmail.com

Resumo

Este estudo tem por objetivo analisar a formação da realidade política brasileira no início do século XIX à luz das principais ideias contidas na obra *Discurso da Servidão Voluntária*, escrita pelo francês Étienne de La Boétie em meados do século XVI. Mais adiante, é feita uma correlação entre tais ideias e alguns aspectos históricos e sociológicos que podem ajudar na reflexão sobre algumas características políticas e sociais do País.

Palavras-chave: Servidão voluntária. Política brasileira. Sociedade

The inconvenient truth of Étienne de La Boetie and the formation of Brazilian political reality

Abstract

This study aimed to analyze the formation of the Brazilian political reality in the early nineteenth century in the light of the main ideas contained in the work *Discourse of Voluntary Servitude*, written by the French Étienne de La Boétie in the mid-sixteenth century. Further, is made a correlation between such ideas and some historical and sociological aspects that can help in thinking about some political and social characteristics of the country.

Keywords: Voluntary servitude. Brazilian politics. Society.

1 Introdução

Na França monárquica do século XVI, houve um considerado avanço do pensamento acerca da filosofia política. Obras até hoje basilares tanto para a História como para a Ciência Política datam deste período, entre elas *O Príncipe*, de Nicolau Maquiavel (1532) e *A Utopia*, de Thomas More (1516). Caracterizada, sobretudo, pelo absolutismo, a época é também marcada, por outro lado, pelo Renascimento, que introduziu uma nova forma de pensar a cultura, as artes e a sociedade de forma geral. O jovem Étienne de La Boétie, oriundo de uma rica família de magistrados, cresceu em um ambiente fortemente influenciado pelo humanismo e pela redescoberta das ideias republicanas da Antiguidade clássica. Estudou Direito na Universidade de Orleans, na França.

Em sua breve vida (morreu aos 32 anos de idade), La Boétie produziu vários escritos nos quais refletia, principalmente, sobre aspectos políticos e sociais. Boa parte de seus manuscritos só foram reunidos e publicados após sua morte, por empenho de seu grande amigo Michel de Montaigne. Dentre os vários manuscritos, Montaigne achou por bem adiar a publicação de um deles, justamente o *Discurso da Servidão Voluntária*, por entender que o efervescente ambiente político da França naquele período não era adequado ao advento de uma obra com pontos tão marcantes, que poderiam ser usados pelos protestantes durante sua revolta contra a monarquia. Tal preocupação não atingiu o objetivo de sua cautela, visto que, anos depois, o *Discurso* foi mesmo utilizado entre os panfletos dos huguenotes (como eram chamados os

protestantes franceses) em sua luta contra o regime.

O Discurso da Servidão Voluntária é um breve escrito (cerca de 50 páginas). Sua complexidade, originalidade e contundência, no entanto, são inversamente proporcionais ao tamanho físico da obra. Não há consenso quanto ao ano em que foi publicado pela primeira vez (embora haja registros de que, em 1580, a obra já circulava clandestinamente e era bastante conhecida entre os franceses). Em seus relatos, Montaigne citou que Étienne escreveu o texto quando tinha apenas 18 anos de idade. Em outra oportunidade, falou em 16 anos.

2 Principais aspectos da obra

Enquanto Maquiavel, em *O Príncipe*, busca instruir os monarcas acerca de como sedimentar e exercer o poder, *La Boétie* vai por outra vertente e se debruça sobre os oprimidos, ao escrachar a passividade dos tiranizados e apontar maneiras para estes conseguirem a liberdade.

Dois grandes aspectos sobressaem no Discurso: no primeiro, *La Boétie* nos confronta com a verdade inconveniente de que não existe opressão sem o consentimento ativo ou resignado dos oprimidos - ou seja, não é apenas pela força e pelo autoritarismo que os tiranos se impõem e reinam, mas, antes sim, pela concordância dos governados em servir, abrindo mão voluntariamente daquilo que *La Boétie* considera o bem supremo de todo indivíduo, que é a liberdade (grifo nosso).

La Boétie observa o vínculo subjetivo que nos amarra ao poder, que nos domina, encanta e seduz, cega e hipnotiza. A lição fundamental é que o poder não depende da coerção, mas, na realidade, se apoia no nosso poder. É o nosso consentimento ativo ao poder que constitui, ao mesmo tempo, esse poder. (NEWMAN, 2011, p. 24)

A outra proposta central do escritor é que não é necessário o uso de qualquer violência nem o emprego de quaisquer meios revolucionários para que os regimes autoritários caiam - para isso, basta que os oprimidos parem de obedecer e de alimentar o sistema, o que levaria as tiranias a ruir sobre suas próprias estruturas.

Em relação ao primeiro dos aspectos apontados, é possível dizer que, de certa forma, *La Boétie* antecipou em mais de 300 anos alguns aspectos da escola existencialista, cujo um dos principais expoentes foi o também francês Jean-Paul Sartre. Este, entre outras ideias, defendia a

tese de que o ser humano está preso em sua própria liberdade, sendo esta um fardo que temos de carregar. E em relação ao segundo aspecto, as ideias do Discurso, que por tempos ficaram adormecidas, foram revisitadas pelos anarquistas e por outros grupos, que dali tiraram parte da inspiração para os movimentos que defendiam a desobediência civil como estratégia para se livrar do jugo de governos ou de práticas estatais opressoras. Entre estes movimentos estão, por exemplo, os ocorridos nos Estados Unidos e na Índia ao longo do século XX.

Embora inseridas em um contexto histórico que em vários pontos é bastante diferente do atual em termos gerais, as ideias contidas no Discurso da Servidão Voluntária atravessaram os séculos e, curiosamente, são ainda bastante atuais e pertinentes para analisarmos e compreendermos a origem e a atualidade do cenário político-social - inclusive no Brasil, recorte proposto neste breve estudo.

Como bem pontuou o jornalista e escritor Casemiro Linarth no prefácio de uma das edições mais recentes do Discurso, o vigor das palavras dessa obra se dirige unicamente contra a tirania e a servidão que a sustenta, em todos os tempos e em todos os países. "*La Boétie* não é um revolucionário, mas é seguramente o primeiro dos modernos, com dois séculos de antecedência. Por isso, sua obra conquistou, ao defender radicalmente a liberdade, uma atualidade em todas as épocas" (Linthart, 2009, p. 27).

3 A servidão voluntária e seus reflexos na política

Um dos problemas centrais na obra de Etienne de *La Boétie* nasce da inquietação do autor ante o fato de como se dá a sustentação de um tirano no poder. Para ele, é como se fosse inexplicável que, em diferentes lugares, milhares de pessoas obedecessem aos ditames de um mandatário, o qual é mantido no poder através de um sistema perverso de servidão que o alimenta.

Por enquanto, gostaria somente de entender como tantos homens, tantos burgos, tantas cidades e tantas nações suportam às vezes um tirano só, que não tem mais poder que o que lhe dão, que só pode prejudicá-los enquanto quiserem suportá-lo, e que só pode fazer-lhes mal se eles preferirem tolerá-lo a contradizê-lo." (LA BOÉTIE, 2009, p. 32)

Essa dúvida, que parece perturbadora a Etienne, é apenas o ponto de partida para as incursões que ele próprio fará, dando mostras de

como gira a engrenagem que perpetua os tiranos no poder. Esse modelo é proposto pelo autor em tom universalizante, podendo se aplicar a diferentes formas de governo, o que fica evidente na tipificação que é feita dos tiranos, separados em três categorias: os que chegam ao poder pela força das armas; os que obtêm por sucessão hereditária; e os que ascendem por eleição do povo.

No entanto, para o objetivo deste estudo - qual seja o de partir de algumas ideias do Discurso para, em seguida, relacioná-las com alguns aspectos da formação do Estado brasileiro -, basta concentrarmo-nos em algumas das estratégias apresentadas por La Boétie (descritas em cada um dos próximos seis parágrafos) no que diz respeito à manutenção dos tiranos no poder.

Primeiramente, La Boétie aponta que uma das estratégias dos tiranos para manterem-se no controle e acima do povo é “ensinar” seus governados como servos, privando-os da educação (o autor utiliza os termos “livros” e “instrução”), visto que ela poderia resultar em bom senso e entendimento - algo perigoso para a manutenção do poder.

O autor pontua que os tiranos, prejudicando a todos, são obrigados a temer todo mundo, nunca tendo seu poder realmente assegurado e, justamente por isso, precisando utilizar-se sempre de expedientes vis para se manterem no trono, gerando um ciclo vicioso.

Adiante, La Boétie cita os meios que os tiranos empregavam - mais claramente em determinados momentos da História - para entreter e entorpecer seus súditos, sobretudo jogos, espetáculos e outras práticas semelhantes, classificadas pelo autor como “iscas da escravidão”.

Outro clássico estratagema tirânico, frisa o autor, consiste em revestir as práticas governamentais, sejam elas quais forem, com belos discursos que evocam o bem público e o interesse geral, visto que o ofício de “tribuno do povo” era considerado sagrado. “Estabelecido para a defesa e proteção do povo, gozava de alta aceitação no Estado. Asseguravam-se por esse meio de que o povo confiaria mais neles, como se bastasse ouvir esse nome, sem precisar sentir os efeitos.” (La Boétie, 2009, p. 58)

Em seguida, é feita uma constatação que versa mais diretamente sobre a sustentação dos tiranos, classificada por ele próprio como “a mola mestra e o segredo da dominação” (ibidem, p. 63). Identificando uma lógica ainda facilmente identificável nos dias atuais, La Boétie explica

que, mais que a força militar, são as relações de proximidade com o tirano que mantém povos em subordinação, através de “quatro ou cinco” pessoas a ele ligadas.

Essas pessoas que giram em torno do tirano e o ajudam a manter o status quo são diretamente responsáveis por outro ponto que integra o núcleo da estratégia de perpetuação no poder, que é a troca de favores e benesses. São alguns desses tópicos integrantes de um mesmo sistema - bem como alguns dos que foram apresentados anteriormente - que nortearão a relação e a análise empreendida nas próximas páginas.

4 A lógica da servidão voluntária na formação do estado brasileiro

Os problemas ainda hoje evidentes na política brasileira não nasceram há apenas alguns anos, não se restringem a um outro partido político, nem a apenas um dos três poderes, ou ao empresariado, tampouco somente aos grandes meios de comunicação. Trata-se de uma lógica entranhada nos vários níveis de Estado e das organizações, onde o benefício em prol de grupos específicos muitas vezes sobrepuja o interesse público. Esse arcabouço de sustentação encontra suas origens (e aqui não vai qualquer juízo de valor) na especificidade cultural dos povos ibéricos (Espanha e Portugal) ante os demais países europeus, como bem descreve Sérgio Buarque de Holanda no clássico *Raízes do Brasil* (1936).

Para este estudo, porém, nos concentraremos em algumas características e fatos do período referente ao fim do século XVIII e, principalmente, ao início do século XIX, que assistiu à vinda da Família Real portuguesa para o Brasil, em 1808, e, poucos anos depois, em 1822, ao processo de independência do Brasil em relação à metrópole portuguesa.

5 A privação do conhecimento e o temor de conspirações

Uma das estratégias apresentadas por La Boétie, qual seja a de privar os súditos dos instrumentos de conhecimento e educação, foi flagrantemente utilizada pela corte portuguesa ainda no Brasil colônia. Tanto que aquele que é oficialmente considerado o primeiro jornal brasileiro (embora haja divergências entre historiadores), chamado *Correio Braziliense*, era impresso e publicado em Londres. Em contrapartida ao isolamento e à proibição de instrução, formou-se uma pequena e poderosa elite intelectual e econômica, que realizava

estudos na prestigiada Universidade de Coimbra, em Portugal, e depois regressava ao Brasil.

“A existência dessa pequena elite intelectual representava uma proeza numa colônia em que tudo se proibia e censurava. Livros e jornais eram impedidos de circular livremente.” (Gomes, 2007, p. 122). Em 1978, uma carta de D. João Rodrigo de Sousa Coutinho, futuro ministro de Negócios Estrangeiros e da Guerra, dirigida ao então governador da Bahia, D. Fernando José de Portugal, recomendava vigilância rigorosa sobre a circulação de livros, pois havia informações, segundo ele, de que os principais cidadãos de Salvador estavam “infectados dos abomináveis princípios franceses” (idem). Essa realidade muda apenas após a chegada da Família Real, em 1808, com o advento da Imprensa Régia, que imprime 250 obras literárias até 1822 (Abreu, 1998).

Ainda em seu período como príncipe regente, D. João VI conviveu com descontentamentos e revoltas no Brasil pré-independência. Nesse sentido, o fato mais notório foi a Revolução Pernambucana, que eclodiu em 1817, inspirada pelos ideais iluministas, pela Independência Americana e pela Revolução Francesa. O movimento foi duramente reprimido pelas forças portuguesas.

Poucos anos depois, em 1820, eclodiu em Portugal a chamada Revolução do Porto, de cunho liberal, que obrigou o rei a retornar à metrópole para tentar se manter no trono - fato que foi decisivo para a proclamação da Independência do Brasil, em 1822.

Aliás, a corte que se transferiu de Portugal para o Brasil fugindo da iminente invasão de Napoleão Bonaparte era - fato típico das famílias monárquicas - cheia de conflitos de interesse e constante desconfiança entre os próprios familiares e amigos. “Vivenciou [D. João VI] um casamento cheio de consequências no plano pessoal e político, tendo sido alvo de uma série de conspirações que envolviam sua mulher [Carlota Joaquina]”. (Lima Martins, 2010).

O filho de Dom João VI, o imperador D. Pedro I, chegou a mandar para o exílio um de seus principais conselheiros e articuladores, José Bonifácio, após este defender e integrar a Assembleia Constituinte, dissolvida pelo imperador. Como bem pontuou La Boétie, o tirano é obrigado a temer todo mundo e “não pensa jamais que seu poder está assegurado enquanto não chega a ponto de não ter como súditos senão homens sem valor”. (La Boétie, 2009, p. 55).

6 O grupo de sustentação e o toma lá dá cá

Um dos pontos mais importantes para compreender as instituições, os processos, a burocracia e as relações de interesse no Brasil passa pela forma como o Estado foi se estruturando desde seu nascedouro enquanto país. A lógica mutualística entre os governantes e uma pequena parcela dos governados já estava presente desde o Brasil colônia - as doações de capitânicas hereditárias e sesmarias são um bom exemplo disso.

Porém, é com a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro que essa prática alcança níveis impressionantes, ganhando ares institucionais que a fazem penetrar no seio do Estado. As relações promíscuas entre a corte e determinados grupos trazia vantagens extraordinárias (olhando-se do ponto de vista daqueles diretamente envolvidos). Gomes (2009), resume bem como isso se dava: “D. João precisava do apoio financeiro e político dessa elite rica em dinheiro porém destituída de prestígio e refinamento. Para cativá-la, iniciou uma pródiga distribuição de honrarias e títulos de nobreza que se prolongaria até seu retorno a Portugal, em 1821”. (Gomes, 2009)

Para além do “tornar-se nobre” do dia para a noite, com tudo o que isso passava a representar em uma sociedade ávida por formas de distinção e de aura de refinamento, essa aproximação entre a corte e parte da elite implicou também em consideráveis impactos financeiros para os cofres do nascente Estado brasileiro.

Os grandes que socorreram o rei buscavam e receberam distinção, honra, prestígio social, em forma de nobilitações, títulos, privilégios, isenções, liberdades e franquias, mas igualmente favores com retorno material, como os postos na administração e na arrematação de impostos. (MALERBA, 2000, p. 232).

Interessante também é perceber como os princípios e costumes que norteiam a formação da sociedade brasileira diferem, sobremaneira, do ideal de trabalho árduo, formação de patrimônio e respeito às instituições públicas que já àquela altura se espalhavam pelo mundo após a Independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa. “E essa ânsia de prosperidade sem custo, de títulos honoríficos, de posições e riquezas fáceis, tão notoriamente característica da gente de nossa terra, não é bem uma das manifestações mais cruas do espírito de aventura?” (Holanda, 1995, p. 46).

La Boétie mostra que este cenário cria

uma cadeia de relações que vai garantir a sustentação do tirano no poder. De acordo com o autor, isso ocorre porque esses cinco ou seis obtiveram a confiança do tirano e se aproximaram dele por conta própria, ou por ele foram convocados para serem “cúmplices de suas crueldades, companheiros de seus prazeres, favorecedores de suas libidinagens e beneficiários de suas rapinas” (La Boétie, 2009, p. 64).

Isso, na visão do autor, gera um cruel equilíbrio - facilmente identificável no início (e na atualidade) do Estado brasileiro, no qual abrir mão da própria liberdade em prol da bajulação ao tirano acaba por ser conveniente a grande parte dos tiranizados.

“Em suma, com os ganhos e favores que se recebem dos tiranos, chega-se ao ponto em que são quase tão numerosos aqueles para os quais a tirania parece proveitosa quanto aqueles para quem a liberdade seria agradável.” (Idem).

7 Considerações Finais

Refletir sobre as ideias seculares de Etienne de La Boétie e sobre como elas se configuraram na origem do Estado brasileiro é pertinente para entendermos, sob uma ótica macro, a forma como se organizaram a política e as relações de poder no País. Mais que isso, essas ideias podem ajudar o leitor mais atento a melhor compreender o atual panorama de crise política e institucional que se abate sobre o Brasil nos últimos anos, intensificando-se a partir de 2015.

É impactante ver que várias das práticas que estiveram presentes há cerca de 200 anos continuam presentes no estágio contemporâneo do Estado nacional. Traçando-se um paralelo, vê-se que os “quatro ou cinco” que sustentam o tirano no poder e que foram a base da regência e do reinado de D. Joao VI hoje poderiam ser representados pelos ministros nomeados por critérios muito mais políticos do que técnicos, materializando a acomodação de aliados e a distribuição de cargos como sustentáculo da governabilidade (embora isso não baste, vide a profunda crise que culminou com o

impeachment da então presidente Dilma Rousseff, em 2016, mesmo após a distribuição explícita de espaços na administração).

Esses “quatro ou cinco” se transformaram em centenas no cenário atual e, também como dizia La Boétie, cada um desses tem outra centena sob sua influência direta, o que hoje se poderia comparar com os milhares de cargos comissionados, comandos de empresas públicas, funções gratificadas, assessorias etc, tudo por indicação de alguns poucos que, por algum motivo, mantêm influência no governo.

La Boétie, como vimos, dizia que o tirano, por ter de temer a todos, acaba por prejudicar todos aqueles que estão sob seu domínio. Nada mais oportuno para fazer valer essa máxima do que a recente crise política do Brasil, na qual um vice-presidente deixou de apoiar a presidente junto à qual foi eleito há pouco mais de dois anos e seu partido rompeu publicamente com o governo. A mesma lógica está também presente no festival de delações premiadas, na qual antigos aliados relatam práticas criminosas nas quais eles próprios estavam envolvidos a bem pouco tempo.

São esses e vários outros pontos da lógica da servidão voluntária que ainda estão presentes no Brasil e em vários outros países. E não se vê, ao menos por parte deste autor, perspectivas de que esse modelo seja alterado em médio prazo no País. Mesmo com o visível aperfeiçoamento das instituições, parece haver algo infelizmente mais forte que se perpetua no âmago do sistema. Por fim, porém, seria interessante a cada um refletir ainda sobre essas palavras que La Boétie apresenta nas últimas páginas de sua obra:

Isso é viver feliz? Pode-se chamar isso de vida? Existe no mundo algo mais insuportável que essa condição, não digo para uma pessoa bem-nascida, mas ainda para alguém que tem o simples bom senso, ou nada mais que o aspecto humano? Existe condição mais miserável que viver assim, não tendo nada de seu e dependendo de outro quanto à sua satisfação, sua liberdade, seu corpo e sua própria vida?” (LA BOÉTIE, 2009, p. 67).

8 Referências

ABREU, Márcia. Circulação de livros no Brasil nos séculos XVIII e XIX - XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, GT Produção Editorial, Livro e Leitura, Recife, 1998. Disponível em:



<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/eb6e0ef83c2fadad25d4f3bb5a290fb8.PDF>>.

Acesso em: 8 abril 2016.

GOMES, Laurentino. 1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil - São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. 6 ed - São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LA BOÉTIE, Etienne. Discurso da Servidão Voluntária; texto integral; tradução Casemiro Linarth - São Paulo: Martin Claret, 2009. - (Coleção a obra prima de cada autor; 304).

LIMA MARTINS, Ismênia de. Dom João – Príncipe Regente e Rei – um soberano e muitas controvérsias. In: Revista Navigator, nº 11, p. 39, 2010. Disponível em: <http://www.revistanavigator.com.br/navig11/dossie/N11_dossie3.pdf>. Acesso em: 8 abril 2016.

LINARTH, Casemiro. Prefácio. In: LA BOÉTIE, Etienne. Discurso da Servidão Voluntária; texto integral; tradução Casemiro Linarth - São Paulo: Martin Claret, 2009. - (Coleção a obra prima de cada autor; 304).

MALERBA, Jurandir. A corte no exílio: civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808-1823) - São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NEWMAN, Saul. A servidão voluntária revisitada: a política radical e o problema da auto-dominação. In: Revista Verve, nº20. São Paulo: 2011, p. 23 - 48. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/14543/10573>>. Acesso em: 7 abril 2016.